

UMA IMAGEM DE AGESILAU: um olhar através da biografia Plutarquiana.

Cleyton Tavares da Silveira Silva – PROPESQ/ UFRN.

Resumo

Segundo filho do rei Arquidamo, do segundo casamento, Agesilau dificilmente alcançaria o reinado, por isso fora criado como um espartano comum, sendo exposto a austeridade e rigidez do sistema lacedemônio. Tornou-se rei a partir da iniciativa de Lisandro, o mais proeminente entre os espartanos. Assim com o apoio dos Éforos e da Gerúsia, conseguiu subir ao trono ainda na juventude, admirado por todos, por reunir uma série de virtudes louváveis, para um espartano. Como rei, Agesilau conseguiu cobrir de glórias e vitórias sua cidade, como nenhum outro rei o fizera, contudo, também em seu governo Esparta tivera sofrido em Leuctras a maior de suas derrotas, fato que possivelmente levou Esparta à decadência. Tal relato foi transcrito através do testemunho de Plutarco um biógrafo, historiador, e até mesmo moralista. Em seu *A vida de Agesilau*, Plutarco escreve de maneira sistemática uma História biológica de Esparta, cabendo a esta obra ocupar o lugar da vida, do transcorrer da vida. Temos por objetivo então, analisar *A vida de Agesilau*, através das percepções de Plutarco de maneira a produzirmos, inicialmente, conhecimento histórico tanto da fonte em si, em sua característica primária, fornecer dados sobre Agesilau, como das visões de mundo do autor.

Palavras-chave: Esparta, Agesilau, Plutarco e Discurso.

Na atualidade grandes discussões estão sendo travadas acerca das construções empreendidas no tempo e no espaço, na História, como a idéia de democracia, cidadania, identidade, enfim tais criações respondem a demandas de grupos os mais diversos. No momento do declínio da Pólis Grega conhecida como Esparta, ainda na antiguidade, os Reis Cleômenes III e Ágis II iniciaram um longínquo processo de idealizações e construções, tão imbricadas que hoje dificilmente pode-se afirmar com certeza o que é, e o que não é, a atividade fim da História, segundo Hegel, a realidade. As idealizações acerca dos Lacedemônios, começaram a ser pensadas três séculos antes de Cristo, mas persistem até hoje. Os reis em questão se utilizaram da identidade guerreira e de costumes decadentes, para de alguma maneira retirar o poder efetivo das mãos das elites latifundiárias. Enaltecendo um passado glorioso, fruto da igualdade não mais existente, aqueles reis tentaram em vão impor um novo regime, o qual fora rechaçado.

Possivelmente, muito do que sabe seja fruto desta chamada “miragem Espartana” (MOSSÉ, 1989). Claude Mossé realiza tal discussão baseado nas obras: *La Mirage Spartiate*, de François Ollier, e *Histoire Grecque: des origines aux guerres mediques*, de Gustave Glotz. Ambos autores defendem a tese que as imagens de

Esparta, ou mesmo “o romance de Esparta” (SILVA, 2006, 114.) seriam uma série complexa de reapropriações feitas e refeitas ao longo de séculos.

Partindo da idéia que existe um mito espartano, seguem duas linhas de trabalhos, a primeira e mais antiga, marcada inicialmente pela tradição pré-socrática, e pelo próprio Plutarco, do qual trataremos logo mais. Este grupo fora formado pelos primeiros historiadores modernos, no século XIX, principalmente por parte daqueles Metódicos, ditos positivistas, e hoje ainda há remanescentes desta linha. Sua opinião segue de maneira firme a leitura das fontes, concluindo que Esparta seria sim aquela exposta por Plutarco e tantos outros. Esta historiografia preocupa-se em ser descritiva ou mesmo analítica de como ocorreram batalhas e quem foram os grandes Generais.

Outra linha de pesquisa estabelecida acerca dos estudos sobre Esparta, trabalha a partir da idéia inicial da criação desse mito espartano e através de questionamentos atuais, procura sempre estabelecer pontes entre o presente e o passado, dessa corrente podemos destacar o espanhol Pavel Oliva, este escreveu uma importante obra *Esparta e sus problemas sociales*, na qual discute elementos como a posse da terra e a cidadania na formação da Esparta Clássica.

Portanto, nosso trabalho tem por objetivos, realizar uma discussão inicial quanto a diversidade de textos produzidos sobre Esparta; discutir Plutarco, a partir de seu lugar de produção, e qual é a análise dele ao escrever *A Vida de Agesilau*. Por fim, analisar a vida de Agesilau, seguindo óptica de Agesilau, abrindo um questionamento para nós valioso, qual a importância de Agesilau para o processo de decadência de Esparta, e com isso iniciar uma discussão atual, qual seria a validade do uso de biografias como fontes para a pesquisa histórica.

Plutarco historiador

Plutarco fora um nobre beócio, que vivera sob o governo da Roma Imperial, no governo de Trajano. Pertencente a uma antiga família da nobreza local, exerceu cargos burocráticos, inclusive o de governador da Acaia, Grécia Romana. Após anos no serviço público tornou-se sacerdote de Apolo, em Delfos. Seus escritos têm propósitos moralistas, tenta exibir quão grandes foram tantos os antigos gregos como romanos, daí a sua análise comparativa, por exemplo, *Alexandre e César*, a qual foi alvo da inspiração do diretor de cinema estadunidense Oliver Stone para a produção o épico *Alexandre* (2004, 175 min.).

As primeiras traduções de Plutarco são datadas de 1385, pelo aragonés Juan Fernández de Heredia, para sua língua mãe, sob patrocínio do Rei Juan I, um admirador dos estudos clássicos. A segunda tradução completa da obra plutarquiiana foi empreendida pelo francês Jacques Amyot em 1559, em francês. Alguns anos mais tarde o inglês Sir Thomas North traduz Plutarco para o inglês a partir dos estudos de Amyot. Estes estudos iram influenciar a sociedade européia dos séculos XVII e XVIII, com a revalorização dos ideais da Atenas e Roma Clássicas.(SILVA, 2006, 36).

Apartir da Historiografia Marxista do século XX Plutarco foi posto de lado, já que um dos objetivos desta escola historiográfica é dar voz aos homens simples, aqueles que constroem a História. Já que Plutarco tem como título de sua monumental obra *As Vidas dos Homens Ilustres*, fora rejeitado mas não esquecido. Por alguns até ele seria culpado pelo crescimento do mito de Esparta, pois não teria se apoiado em fontes

confiáveis para a sua pesquisa. Mas, a partir da década de 1970, com a chamada terceira fase dos *Annales*, Jacques Le Goff, volta a defender a abertura na escolha das fontes, concluindo que:

o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise

do documento enquanto documento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF; NORA, 1977, 201 e 202).

Logo percebemos que as obras de Plutarco também estão incluídas nestas fontes que Le Goff e Nora se referem. Como fontes devem ser analisadas como tal, assim como os autores também merecem análises mais rebuscadas, afim de questioná-lhes quanto ao seu lugar de produção, público alvo, enfim uma série de fatores que circulam o ritmo produtivo.

Plutarco, nosso caso, busca sempre a remete-se à razão e a temperança de seus biografados, deixa isso claro ao descrever, em *A vida de Agesilau*, um episódio em que Agesilau teria evitado um beijo de seu amado, quando este para mostrar suas afeição o fez. Mesmo sendo o menino de belos traços e formas, Agesilau o teria evitado (PLUTARCO, *A vida de Agesilau*, I, XVIII.). Plutarco incitando aos seus contemporâneos a fazer o mesmo, a temperança, ele tenta através de suas obras restabelecer a ética clássica. Plutarco escreveu em um período em que tanto o conceito de história e quanto o conceito de biografia ainda estavam indefinidos. Portanto apropriou-se dos métodos de ambas. Ele escrevia para a uma elite que conhecia os Clássicos e desta forma conhecia também a História tanto da Hélade, como de Roma, e sua escrita, portanto mostra-se complementar ao conhecimento já obtido por seu público.

Agesilau para Plutarco

Agesilau seria filho do rei Arquidamo, da dinastia Euripontida, sendo tendo este reinado de maneira próspera, teve dois filhos Ágis, o mais velho, filho de uma mulher por nome de Lampido, e um mais jovem, Agesilau, filho de outra esposa, Eupolia. Já que Agesilau dificilmente chegaria ao trono de Esparta recebeu a educação própria aos rapazes espartanos. Ao descrever esta narrativa, Plutarco faz sua primeira interrupção ao afirmar deixar implícito como se dava a educação masculina em Esparta, daí concluímos que este escrevia para grupos bastantes específico da sociedade romana de então, as quais provavelmente conheciam o padrão educacional espartano, o autor em questão atribui a esta educação o caráter de “domadora de homens” (PLUTARCO, *A Vida de Agesilau*, I, I). Contudo, Plutarco destaca a diferença entre a educação para os cidadãos e para aqueles que estariam na linhagem real, os herdeiros do trono, mas não explicita como ela se daria. Plutarco continua sua interferência atribuindo virtudes à educação espartana, já que esta traria ao indivíduo a frugalidade, resistência e

temperança. Percebemos aí seu discurso moralista novamente, ao discorrer sobre costumes antigos, de maneira a incentivar seus contemporâneos a fazer o mesmo.

Agesilau tinha além de uma pequena estatura um defeito na perna o que lhe causara uma leve falha, uma manquidão. Ou seja, ele não se mostrava um referencial eugênico próprio dos gregos. Estas dificuldades físicas ele superava através de seu caráter forte e impetuoso, não se negava a nenhum esforço apesar de sua perna, muito pelo contrário estava sempre disposta às maiores empresas, as mais complexas que fossem. Desta maneira logo chamou a atenção de Lisandro, que já neste momento destaca-se como uma forte liderança entre os espartanos. Lisandro e Agesilau então passaram a estabelecer entre si um relacionamento, que permeava desde laços afetivos à conchavos políticos. Não é um dos nossos objetivos discutir o caráter da relação entre Lisandro e Agesilau, se homoerótica ou não, apesar de interessante esse tema envolve uma discussão que não estamos prontos e interessados a fazer neste artigo.

Agesilau chegando a fase adulta, já tivera grande apreço entre seus compatriotas, muito disso impulsionado por Lisandro, que já liderava Esparta na Guerra do Peloponeso. Ágis, seu irmão, morre e a vacância do trono causa uma intensa disputa entre Agesilau e seu sobrinho Leotíquides. Agesilau legitimava esta disputa pelo fato de haver grande dúvida em Esparta quanto a paternidade de Leotíquides. Segundo Plutarco, durante o governo de Ágis veio a Esparta exilado de Atenas Alcebíades, que de alguma forma fora muito bem recebido por Timéia, esposa de Ágis. Seria notório nas intrigas palacianas as dúvidas de Ágis quanto sua paternidade em relação a Leotíquides, já que teria ele estado com sua esposa dez e não nove meses antes que a criança nascesse. Baseado neste argumento Agesilau e seus partidários, inclusive Lisandro, exibiram tais informações a toda Esparta, e desta maneira adquirindo o apoio da Gerusia, conselho de cidadão mais velhos, dos Éforos, cinco cidadãos que através do voto eram escolhidos para mandatos periódicos, sua atividade baseava no que hoje seria o poder executivo.

Contudo, os adversários de Agesilau encontraram em antigas predições do oráculo de Delfos, que dizia o seguinte:

Olhai bem, ó nação espartana,
Se bem que sejas em coragem altiva,
Que realeza manca não germine
Em ti, que tens o porte reto e firme;
Pois de outra forma desgraças te virão
Não esperadas, que muito tempo te manterão
Envolvida em tormentas de guerra,
Que de homens torna despovoada a terra. (PLUTARCO, *A Vida de Agesilau*, I, IV)

Ou seja, Agesilau imperfeito que era não poderia de maneira alguma assumir o trono, já que o rei deveria ser o exemplo por excelência da raça, o melhor dos cidadãos. Lisandro e seus auxiliares logo passaram a entreter o povo com outras explicações para a predição, afirmavam que um rei manco seria um rei que não descendesse da raça dos Heráclidas, como Agesilau e próprio Lisandro, apesar de sua descendência heráclida não pertencia a casa dos basileus, dos reis.

Agesilau ao contrário de seus antecessores, trabalhou em parceria com os Éforos, o que lhe trouxe grande respeito e reverência, da mesma forma também agia em relação aos gerontes presentando-lhes quando estes eram eleitos. De uma forma bastante silenciosa Agesilau acabou com suas oposições e desta maneira silenciou àqueles que defendiam sua saída do trono.

Pouco depois de assumir o trono chegaram a Esparta viajantes da Ásia em busca de auxílio. Agesilau fora enviada a Ásia Menor auxiliado por trinta capitães Lacedemônios e seis mil aliados. Sua política externa foi baseada na aliança que estabelecera com os Persas, já que o ouro destes financiara por muito tempo os intentos de Agesilau.

Agesilau logo encontrou alguns problemas, o primeiro e mais complexo fora a sua relação com Lisandro. Plutarco narra que ao chegar a Éfeso, Agesilau percebera que Lisandro, querido por todos, era tratado como um rei, enquanto ele seria apenas um fantoche. Já havia algum que Agesilau buscava limitar o poder de Lisandro, e este episódio fora sem dúvida a gota d'água. Ao contrário do perfil de Agesilau, Lisandro era dado a bajulações e gostava de receber uma atenção demasiada, a resposta de Agesilau foi simples e rápida, não mais correspondia seus pedidos, nem de seus amigos, e por fim o intuito como "comissário dos víveres e distribuidor da carnes" (PLUTARCO, *A Vida de Agesilau, I,X*). Após leve discussão, Agesilau o enviou para o Helesponto, onde Lisandro continuou nutrindo rancor contra as casas reais de Esparta, defendia que a realeza na Lacedemônia deveria ser dada por merecimento e não por nascimento. Lisandro intentando contra o reinado de Agesilau produziu uma profecia falsa, que seria de Delfos. Lá constaria que os reis espartanos deveriam ser substituídos por um filho, de Apolo. Lisandro fizera tal ato para incutir no trono de Esparta um tal Sileno, já que a mãe deste insitira que teria tido um filho de Apolo, o que de fato não se concretizou e somente tornou-se público após a morte de Lisandro, que morrera em combate, antes da volta de Agesilau da Ásia. (PLUTARCO, *A Vida de Lisandro, I,XXX*)

Agesilau adquirira para si e para Esparta as maiores glórias e honrarias em toda a Grécia, contudo quando se tratava da relação deste com seus amigos. Não costumava negar nenhum pedido do seus partidários. Muitas vezes os negócios públicos interagiam com os pedidos em questão, Agesilau neste sentido teria dito "Ó como é desagradável amar e ser sábio ao mesmo tempo!" (PLUTARCO, *A Vida de Agesilau, I, XXI*). Às custas do ouro grego Esparta continuava a nutrir conflitos contra Atenas e suas aliadas, causando o enfraquecimentos da polis grega e do período Clássico.

Voltando à Lacedemônia Agesilau teria encontrado a cidade em uma situação difícil, pois os cidadãos, diferentes de outros tempos, vangloriavam-se de suas riquezas, a saber disso, Agesilau, contrariando regras fez com que sua irmã, Cinisca, competisse e vencesse nos Olímpicos, na corrida de carros. Assim ele pretendeu explicar que não fora coragem ou técnica mas apenas a riqueza que permitia a vitórias daqueles cidadãos. Agesilau qua naquele momento já passava dos sessenta anos não quis ir à Beócia, o que fez seu colega Cleombroto, lá frente à Epaminondas e sua banda sagrada, os espartanos sofreram sua mais dura derrota, a batalha de Leuctras.

Após esta derrota, a Messênia, terra que por anos foi disputada e ganha pelos espartanos, foi restituída aos seus cidadãos, que no caso à gerações eram escravos, hilotas, Esparta perdera ali a terra mais fértil da Grécia, permanecendo apenas coma região da lacônia que por algum tempo viveu às voltas com invasões de outros gregos.

Assim podemos concluir inicialmente que Agesilau representa tanto o apogeu como a queda do império espartano, já que durante o reinado deste rei Esparta saboreou ouro e prata, mas também permitiu que suas mulheres vissem a fumaça dos acampamentos inimigos, algo nunca visto por senhoras da Lacedemônia. Segundo Plutarco já haviam seiscientos anos que os Dórios teriam chegado à Lacônia e neste período nenhum inimigo fora visto de tão perto. Ao redor da cidade os inimigos cobravam a presença de Agesilau e seus homens, tropa auxiliar que permanecera em Esparta afim de guarnecê-la, contudo sabendo do que lha aguardava Agesilau preocupou-se em guarnecer o centro das cidades e algumas avenidas. Os tebanos acampados ao redor de Esparta não puderam suportar o grande frio que fizera naquela estação pois nevara como nunca antes visto, e abandonaram a campanha.

Agesilau, já em longa idade foi ao Egito trabalhar como general contratado, o que Plutarco condena veementemente, e na viagem de volta à sua terra morre, sendo enterrado na tumba de seus pais.

Fontes

Heródoto. *Historias*. Rio de Janeiro: Prestigio, 2001.

Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Ed. UNB, 1982.

Plutarco. A vida de Licurgo. IN: _____. *As Vidas dos Homens Ilustres*. Belo Horizonte: Editora das Américas, 1953. Trad. Aristides da Silveira Lobo

_____. A vida de Lisandro. IN: _____. *As Vidas dos Homens Ilustres*. Belo Horizonte: Editora das Américas, 1953. Trad. Aristides da Silveira Lobo

_____. A vida de Agesilau. IN: _____. *As Vidas dos Homens Ilustres*. Belo Horizonte: Editora das Américas, 1953. Trad. Aristides da Silveira Lobo

_____. A vida de Ágis e Cleômenes. IN: _____. *As Vidas dos Homens Ilustres*. Belo Horizonte: Editora das Américas, 1953. Trad. Aristides da Silveira Lobo

XENOFONTE. *La república de los lacedemônios*. Madrid: [s.d.], 1987. Tradución. Aurelia Ruiz Sola.

Bibliografia

CARDOSO, Ciro Flamarion. *A Cidade Estado Antiga*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. Os antigos, o passado e o presente. Brasília: UnB, 2003.

LÓPEZ MELERO, Raquel. O estado espartano hasta la Epoca Clásica. Madrid: Akal Editor, 1989. *Historia del Mundo Antiguo*, 19.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. 3ª Ed. Francisco Alves, 1988.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As Raízes Clássicas da historiografia moderna*. São Paulo: Edusp, 2004.

MOSSÉ, Claude. *A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MOURA, José Francisco de. *Imagens de Esparta: Xenofonte e a ideologia Oligárquica*. Rio de Janeiro: Laboratório de Antiga, 2000 (*Hélade* supl. 2)

OLIVA, Pavel. *Esparta y sus problemas Sociales*. Madrid: Akal Editor, 1983

OLIVEIRA, Maria Aparecida. *Plutarco Historiador*. São Paulo: Edusp, 2006..

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os Gregos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.